



VISITA DA ESQUADRA AMERICANA

O RIO DE JANEIRO recebeu, em 1908, a visita da esquadra norte-americana do Atlântico, que partira, no dia 15 de dezembro do ano anterior, de Hamton Roads, no Estado da Virgínia, em direção ao Pacífico, contornando o nosso continente pelo estreito de Magalhães, num cruzeiro de 14.000 milhas.

A poderosa esquadra comandada pelo contra-almirante Robley D. Evans era composta de quatro divisões de couraçados, uma divisão de torpedeiros e uma de navios auxiliares, num total de 26 vasos de guerra com 15.000 homens a bordo. As provisões de boca para tamanha frota atingiram cifras astronômicas: 600 toneladas de trigo; 500 de carne fresca; 400 de diversas carnes salgadas e defumadas; 260 de frutas secas e em conserva, 50 de milho e aveia. Isto sem falar da enorme quantidade de café, cacau, açúcar, manteiga, ovos, leite, aves, etc.

Na manhã de domingo do dia 12 de janeiro, difundida a notícia de que a formidável esquadra se aproximava do nosso pôrto, grande massa



de povo afluiu ao litoral e a todos os pontos elevados da cidade donde pudesse descortinar a barra.

A baía de Guanabara apresentava aspecto festivo, cheia de lanchas e embarcações de todos os tipos, apinhadas de curiosos. A Cantareira organizou um serviço especial, a 2\$000 por pessoa, para se ir até à entrada da barra ver o soberbo espetáculo da chegada dos navios.

Finalmente, às 2 1/2 da tarde, apontaram por detrás da fortaleza de São João as unidades americanas. Vinham em fila, equidistantes, vagarosamente. Sucessivamente, foram aparecendo os couraçados «Connecticut», hasteando a insígnia do comandante Evans, «Kansas», «Louisiana», «Vermont», «Georgia», «Virginia», «New Jersey», «Rhode Island», «Minnesota», «Ohio», «Maine», «Missouri», «Alabama», «Illinois», «Kentucky» e «Kearsage», seguidos dos torpedeiros e navios auxiliares, e dos nossos cruzador «Barroso» e torpedeiros «Tupi» e «Tamôio».

Ao passar defronte de Santa Cruz, o «Connecticut» saudou a terra, respondendo a fortaleza com as salvas de estilo.

Fundeada a esquadra, seguiram-se as cortesias protocolares e, durante dez dias, a oficialidade compareceu a recepções oferecidas pelo Presidente da República, Dr. Afonso Augusto Moreira Pena, e pelo embaixador dos Estados Unidos, Irving Dudley; banquete de 600 talheres no Palácio Monroe, oferecido pelo Ministro do Exterior, Barão do Rio Branco; almoço nas Paineiras, oferecido pelo Ministro da Marinha, vice-almirante Alexandrino Faria de Alencar; «garden-party» promovido pelo Club Naval; bailes no Clube dos Diários; festas no Moulin Rouge; excursões em automóveis à Tijuca; visitas ao Jardim Botânico, etc. Houve também um jantar oferecido pelo Dr. Herbert Moses, no Restaurante Franziskaner, na Galeria Cruzeiro (hoje Restaurante e Bar Brahma).

Quanto à maruja, nenhum elemento baixou à terra no primeiro dia. Depois, tiveram licença de descer, em grupos de dois a três mil e, por fim, desembarcaram todos.

Foi uma verdadeira invasão por todos os recantos da cidade, um imenso bulício que animou as nossas ruas e praças, emprestando-lhes grande alegria e movimento. Aos magotes, enchiam as lojas, cafés, bares, restaurantes e casas de diversões. Traziam dólares que trocavam por 3\$200 da nossa moeda, parecendo-lhes triplicar o dinheiro.

No dia 22, às 3 horas da tarde, partiu a esquadra. Pouco antes, o Presidente da República fôra a bordo do capitânea levar ao comandante Evans os votos de boa viagem.

Sete marinheiros, no entanto, perderam o embarque. Aqui ficaram, «cozinhando uma formidável camoeira»...

A fotografia mostra dois sobrinhos de Tio Sam, no antigo beco da Pouca Vergonha (atual rua Vinte de Abril).